

O DIABO NO MEIO DO REDEMOINHO

THE DEVIL IN THE MIDDLE OF EDDY

Suzi Frankl Sperber

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

Professora titular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Livre-docente em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Coordenadora do Lume Teatro desde 1996

sperbersuzi@hotmail.com



O diabo no Imaginário popular

RESUMO

Neste estudo, coteja-se heresias que povoam o imaginário popular brasileiro. Supõe-se que a Inquisição e o exílio de cristãos novos (hereges) no Brasil - importante contingente na formação da população no País - contribuiu significativamente para difusão de ideias provenientes de heresias condenadas ao mesmo tempo em que promoveu a assimilação de anátemas contra tais heresias.

Palavras-chave: Grande Sertão: Veredas. Demônio. Heresias. Origenismo. Gnosticismo. Maniqueísmo.

ABSTRACT

The article examines heresies entrenched themselves in the Brazilian imaginary. Its assumed that the presence of the Inquisition and the exile of new Christians to Brazil - where they constituted a significant demographic contingent - stimulated both the dissemination of condemned heresies and the assimilation of anathemas against these heresies.

Key-words: Grande Sertão: Veredas. Devil. Heresies. Origenism. Gnosticism. Manichaeism.

Já em *Sagarana*, cuja primeira edição publicou-se em 1946, as tramas dos contos revelam confrontos como vida e morte, sofrimento, doença e busca da salvação. *Corpo de Baile* confirma e afina estas questões, mas é em *Grande Sertão: Veredas* que se manifesta a angústia maior com relação à culpa, ao Mal (e ao Bem), ao desejo de onipotência que culmina com o pacto.

Mas o senhor acreditando que alguma coisa humana é de todo impossível, então é que o senhor não pode mesmo ser chefe de jagunço, nem na menor metade só de um diazinho, nem somente nos vastos imaginados. Ora essas! – digo. (p. 699)

O pacto configura a ação humana de quem quer ser todo-poderoso. Durante a Inquisição, este seria o sinal mais evidente de heresia a ser severamente punido. O solilóquio de Riobaldo revela a necessidade de provar sua inocência. Para isto precisa de uma testemunha: seu ouvinte-leitor.

Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter sua aragem de descanso. Lhe agradeço. (p.7)

Mas minha alma tem de ser de Deus: se não, como é que ela podia ser minha? O senhor reza comigo. A qualquer oração. Olhe: tudo o que não é oração, é maluqueira... Então, não sei se vendi? Digo ao senhor: meu medo é esse. Todos não vendem? Digo ao senhor: o diabo não existe, não há, e a ele eu vendi a alma... Meu medo é este. A quem vendi? Medo meu é este, meu senhor: então, a alma, a gente vende, só, é sem nenhum comprador... (p. 693).

Só a memória pode resgatar Riobaldo, que lembrará de detalhes indicativos de um conhecimento que a vida lhe ministra.

Hoje, sei. E sei que em cada virada de campo, e debaixo de sombra de cada árvore, está dia e noite um diabo, que não dá movimento, tomando conta. Um que é o Romãozinho, um diabo menino, que corre adiante da gente, alumando com lanterninha, em o meio certo do sono (p. 405).

A memória dos acontecimentos se apresenta misturada entre tempos passados diferentes, emoções diferentes vividas pelo mesmo narrador-personagem, mas a organização dos eventos é propelida por algumas referências históricas anteriores: a Inquisição. Por um lado, a Inquisição levou Portugal a exilar os hereges no Brasil; por outro, veio ao Brasil, exercer seu poder, chegando a repatriar e a levar à fogueira um autor como Antonio José da Silva, o Judeu. Foram três os papéis exercidos indiretamente pela Inquisição no Brasil: acolhimento da heresia (judaísmo ou islamismo); temor de revelar a religião, mantida em segredo; preconceito contra judeus, exercido indiretamente nas fantasias criadas pela Inquisição sobre as práticas judaicas ou judaizantes.

Item, se sabeis, vistes ou ouvistes que algumas pessoas ou pessoa, fizeram ou fazem certas invocações dos diabos, andando como bruxas de noite em companhia dos demônios, como os maléficos feiticeiros, maléficas feiticeiras, costumam fazer, e fazem encomendando-se a Belzebut, e a Sathanaz, e a Barrabás, e renegando a nossa Sancta Fé Catholica, oferecendo ao diabo a alma, ou algum membro, ou membros de seu corpo e crendo em ele, e adorando o, e chamando o para que lhes diga cousas que estão por vir, cujo saber a só Deus todo poderoso pertence. (FURTADO DE MENDONÇA, 1591, p. 34).

A crença no Diabo e a prática do pacto com Satanás foram tematizadas por Johann Wolfgang Von Goethe e, antes dele, por Christopher Marlowe. O problema do Mal se coloca para os seres humanos desde a Antiguidade e foi objeto de normatizações por parte das diferentes religiões. O diabo aparece mais fortemente durante a Inquisição. Sua propagação no imaginário popular brasileiro deve-se aos reflexos da Inquisição e as leituras bíblicas, e não aos autores acima mencionados. Daí que Riobaldo tome esta temática como parâmetro de avaliação de sua existência, ainda que o Autor, João Guimarães Rosa, tenha lido e aproveitado impulsos sobre o assunto a partir dos dois *Faustos*, sobretudo do de Goethe.

João Guimarães Rosa foi leitor interessado de temas relativos à espiritualidade e à geografia, além de literatura – e tinha memória prodigiosa. Pode ter lido acerca de heresias, ainda que não houvesse este tipo de livros em sua biblioteca. As heresias apresentaram a moldura para a perseguição e, pois, para a configuração do diabo. Analisaremos alguns dados a seguir.

Orígenes, teólogo de Alexandria (séc. III d.C.), mistura elementos da gnose do platonismo e do cristianismo, afirmando uma restauração final de todos os seres, inclusive o demônio e os condenados. Os monges da Palestina debatem a questão, exigindo a intervenção das autoridades. Foi o que se deu em 539: o Patriarca de Jerusalém pediu ao Imperador Justiniano de Constantinopla que se pronunciasse contra o origenismo, especificamente contra a teoria da reencarnação (naquela época os temas teológicos interessavam ao Imperador tanto quanto as questões de administração pública). Justiniano, em resposta, escreveu um tratado incisivo e violento, que se encerrava com uma série de dez anátemas contra Orígenes, dos quais merecem a nossa atenção os seguintes:

1. Se alguém disser ou julgar que as almas humanas existiam anteriormente, como espíritos ou poderes sagrados, os quais, desviando-se de visão de Deus, se deixaram arrastar ao mal, e, por este motivo, perderam o amor de Deus, foram chamados almas e relegados para dentro de um corpo a guisa de punição, seja anátema.
9. Se alguém disser ou julgar que a pena dos demônios ou dos ímpios não será eterna, mas terá fim, e que se dará uma restauração (*apokatástasis*, reabilitação) dos demônios, seja anátema (PARÓQUIA DE SÃO LEOPOLDO, 2008).

Em 543, Justiniano enviou o seu tratado com os anátemas ao Patriarca Menas de Constantinopla, a fim de que este também condenasse Orígenes e obtivesse dos bispos vizinhos e dos abades de mosteiros próximos semelhante pronunciamento. Intimidado, Menas reuniu o chamado “sínodo permanente” (conselho episcopal) de Constantinopla, o qual, por sua vez, redigiu e promulgou quinze anátemas contra Orígenes, dos quais três dos quatro primeiros nos interessam de perto:

1. Se algum crer na fabulosa preexistência das almas e na repudiável reabilitação das mesmas (que é geralmente associada àquela), seja anátema.
2. Se algum disser que os espíritos racionais foram todos criados independentemente de matéria e alheios ao corpo, e que vários deles rejeitaram a visão de Deus, entregando-se a atos ilícitos, cada qual seguindo suas más inclinações, de modo que foram unidos a corpos, uns mais, outros menos perfeitos, seja anátema.
4. Se alguém disser que os seres racionais nos quais o amor a Deus se arrefeceu, se ocultaram dentro de corpos grosseiros como são os nossos, e foram em conseqüência chamados *homens*, ao passo que aqueles que atingiram o último grau do mal tiveram como partilha corpos frios e tenebrosos, tornando-se o que chamamos demônios e *espíritos maus*, seja anátema (PARÓQUIA DE SÃO LEOPOLDO, 2008).

Observamos, pois, que:

As condenações proferidas por bispos e sínodos no séc. VI sobre o origenismo versam explicitamente sobre as doutrinas da preexistência e da restauração das almas, o que naturalmente implica a condenação da própria tese da reencarnação, na medida em que esta depende daquelas doutrinas e era professada pelos origenistas.

A doutrina da reencarnação foi rejeitada não somente pelo magistério ordinário da Igreja - baseado na palavra da Sagrada Escritura - desde os tempos mais remotos, mas também pelo magistério extraordinário dos concílios ecumênicos de Lyon em 1274 (“As almas... são imediatamente recebidas no céu”) e de Florença em 1439 (“As almas... passam imediatamente para o inferno a fim de aí receber a punição”) Cf. Denzinger-Schönmetzer, Enquirídio nº 857 (464) e 1306 (693).

A palavra usada por Menas para indicar a rejeição da doutrina da reencarnação foi “seja anátema”, seja excomungado. Banir alguém do grupo do poder da Igreja correspondia a forte marginalização. A mesma Igreja criou forma mais colorida e menos abstrata para expressar o anátema: a figura do diabo, a encarnação do Mal. Era a maneira de demonizar as crenças não aceitas pela Igreja Católica, para que a religião cristã se prestasse como nova ferramenta de poder e de controle sobre os diversos povos que viviam dentro das fronteiras do decaído Império Romano, fornecendo uma base de cultura comum para um mundo extremamente diverso e conflitivo.

Hoje, a Igreja não usa mais a personificação do Mal para intimidar os crentes, até porque perdeu o controle e poder sobre as populações, que aderiram a miríades de movimentos religiosos. No imaginário popular do Brasil, sobretudo na primeira metade do séc. XX, Satanás ainda imperava poderoso como corruptor da humanidade, levando à perdição do pecado e para o Inferno. Em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o menino menor pergunta sobre o inferno. Guimarães Rosa coloca o diabo como ameaça para Riobaldo. Ameaça de pecado, de estar tomado por ele, de perder o Reino do céu, de culpa maior.

A ideia da reencarnação existiu também no catarismo. Os cátaros acreditavam que o mundo não havia sido criado diretamente por Deus. Seria uma materialização do Mal e, portanto, os que aqui viviam estavam destinados à expiação até que, após uma vida destinada ao bem, voltassem ao Paraíso perdido. Enquanto não conseguissem isso, teriam que reencarnar em sucessivas vidas na Terra. Algumas ideias do catarismo reapareceram mais tarde, em diversos momentos, como no Movimento da Reforma Protestante e nas doutrinas que visam resgatar o cristianismo primitivo como a doutrina espírita.

A ideia da reencarnação é debatida por Riobaldo, que acaba duvidando da pertinência desta hipótese, já que a purificação do pai das crianças cegas nesta reencarnação depende do sofrimento de cada uma das crianças¹. Quelemém pondera que também as crianças teriam sido más em outra encarnação. Mas e o velhinho assassinado pelo Aleixo? Riobaldo se pergunta a respeito da reencarnação, mas o verdadeiro problema é a dor, o Mal. Afinal, como entender a necessidade do Mal no mundo?

Como diversas doutrinas trabalharam com oposições, o princípio dualista, opositivo, impregnou mentes, metodologias, e continua fortemente incorporado nos caminhos reflexivos. Os cátaros eram dualistas, acreditavam no conflito entre o bem e o mal, o espírito e a carne, o superior e o inferior. Para eles, toda a Criação estava imersa em uma guerra eterna entre os dois princípios irreconciliáveis: A luz e a escuridão, em outras palavras, o espírito e a matéria; sendo a primeira de origem Divina, do Bem; e a segunda criação do Mal.

Riobaldo narrador passa pelo recurso do método reflexivo dualista. O que não é de Deus, seria do Demônio.

Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças – eu digo. Pois não é ditado: “menino – trem do diabo”? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes. ... O diabo na rua, no meio do redemunho (p. 7).

O diabo existe nas criaturas, até nas crianças, e em tudo: natureza, mundo.

Tudo. Tem até tortas raças de pedras, horrorosas, venenosas – que estragam mortal a água, se estão jazendo em fundo de poço; o diabo dentro delas dorme: são o demo. Se sabe? E o demo – que é só assim o significado dum azougue maligno – tem ordem de seguir o caminho dele, tem licença para campear?! Arre, ele está misturado em tudo (p. 8).

É concepção que lembra também o deísmo, segundo o qual Deus criou o mundo e não interfere na realidade criada. A lei natural é o critério moral para os homens. Não existem revelações verdadeiras, nem o conhecimento da natureza ética ou intelectual de Deus.

Riobaldo, em seu questionamento sobre a existência e a natureza do diabo passa por explicações do mundo e das forças criadoras provenientes de diferentes heresias. Na verdade, estes tipos de considerações e justificativas tornaram-se muito difusos no mundo, especificamente no Brasil, onde a população inicial foi composta por grande número de considerados hereges, expulsos de Portugal. Isto é, eram cristãos novos que, aqui, voltaram à prática oculta do judaísmo. O medo da punição deve ter expandido a imagem da encarnação do mal, do diabo como forma de controle das mentes. Assim, encontramos, no interior de qualquer Estado, indivíduos que partilham destas ideias.

Em *Grande Sertão: Veredas* há momentos em que a natureza bela é reveladora de Deus, tanto que lembra o panteísmo, que afirma que deus é o mundo, que ao conhecermos o mundo, conhecemos Deus. (“Deus está em tudo – conforme a crença?” p. 439). Não haveria transcendência para fora do mundo. Em *Caos e Cosmos*, uma das tentações dos humanos é o rebaixamento do panteão divino, o que ocorre quando o crente pede a Deus cura, riqueza, amores, a compra de uma casa, a solução de litígios, coisas que seitas religiosas contemporâneas tantas vezes prometem.

As seitas falam de Deus de maneiras diferentes, atribuindo-lhe um lugar, poderes e características que não condizem com o cristianismo. Riobaldo não diz ao leitor que tais ponderações provêm de diferentes heresias. Mas sua consciência está construída em cima de uma ideia de justiça, de Bem e de Beleza que orientam suas reflexões. Daí surgirem dúvidas sobre o Diabo, figura sempre presente na crítica às heresias.

O deus da gnose é um deus impessoal. É um princípio constitutivo e unificador do cosmos. Seus adeptos acreditam na emanção do mundo a partir de Deus (ou na expansão da divindade). A doutrina católica não aceita a ideia de mutações na divindade. Tudo aquilo que muda e se transforma por definição não é Deus. A criação do mundo, segundo o catolicismo, foi feita a partir do nada e a realidade criada é necessariamente diferente de Deus. Segundo o catolicismo, tudo aquilo que muda e que se transforma, necessariamente, é parte da realidade criada. Riobaldo apresenta um Deus mutante, que é paciência², mas que também é traiçoeiro:

E, outra coisa: o diabo é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro – dá gosto! A força dele, quando quer – moço! (p. 25)

Ideia semelhante sobre a natureza de Deus invisível, oposta à do Diabo – visível – aparece em outros momentos: “Olhe: Deus come escondido, e o diabo sai por toda parte lambendo o prato” (p. 71), ou:

Aí era Diadorim, meio deitado meio levantado, o assopro do rosto dele me procurando. Deu para eu ver que ele estava branco de transtornado? A voz dele vinha pelos dentes. – “Não, Diadorim. Estou gostando não...” – eu disse, neguei que reneguei, minha alma obedecia. – “Você sabe do seu destino, Riobaldo?” Não respondi. Deu para eu ver o punhal na mão dele, meio ocultado. Não tive medo de morrer. Só não queria que os outros percebessem a má loucura de tudo aquilo. Tremi não. – “Você sabe do seu destino, Riobaldo?” – ele reperguntou. Aí estava ajoelhado na beira de mim. – “Se nanja, sei não. O demônio sabe...” – eu respondi – “Pergunta...” Me diga o senhor: por que, naquela extrema hora, eu não disse o nome de Deus? Ah, não sei. Não me lembrei do poder da cruz, não fiz esconjuro. Cumpri como se deus. Como o diabo obedece – vivo no momento. (p. 270)

Para os gnósticos, existem dois deuses: o deus criador imperfeito, que eles associam ao Jeová do Velho Testamento, e outro, bom, associado ao Novo Testamento. O primeiro criou o mundo com imperfeição, e desta imperfeição se origina o sofrimento humano, que aprisiona. Mas a essência humana seria oriunda de uma "centelha divina" que perpassa todo o cosmos mesmo sem nele se situar, e o deus bom teve pena e deu aos homens a capacidade de despertar deste mundo de ilusões e imperfeição.

Para que o homem possa se libertar dos sofrimentos deste mundo, segundo os gnósticos, ele deve retornar ao Todo Uno, por ascensão ao Pleroma, e isto só pode ser alcançado pelo Conhecimento Verdadeiro (representado pela Gnose). Este despertar só pode ocorrer se o homem se descobre, conhecendo a si próprio. Neste ponto, reconhecemos claramente o lema socrático “conhece-te a ti mesmo”. O gnosticismo tem algo do platonismo. Este intertexto ajuda a compreender Guimarães Rosa e suas leituras espirituais, religiosas, filosóficas. Já o contraponto cristão ameaça sempre com a figura satânica.

Gnose tem por origem etimológica o termo grego *gnosis*, conhecimento. Não um conhecimento racional, científico, filosófico, teórico e empírico (a *episteme* dos gregos), mas de caráter intuitivo e transcendental: sabedoria. Seria um conhecimento profundo e superior do mundo e do homem, capaz de dar sentido à vida humana, que a torna plena de significado porque permite o encontro do homem com sua Essência Eterna, maravilhosa e Crística pela via do coração. É uma realidade vivente sempre ativa, que apenas é compreendida quando experimentada e vivenciada. Assim sendo, jamais pode ser assimilada de forma abstrata, intelectual e discursiva.

Em *Grande Sertão: Veredas* não há tais definições, nem dois deuses, um imperfeito e outro perfeito. Há um deus perfeito. A imperfeição é do demônio. Mas a necessidade do conhecimento é manifesta:

É preciso de Deus existir a gente, mais; e do diabo divertir a gente com sua dele nenhuma existência. O que há é uma certa coisa – uma só, diversa para cada um – que Deus está esperando que esse faça. Neste mundo têm maus e bons – todo grau de pessoa. Mas, então, todos são maus. Mas, mais então, todos não serão bons? Ah, para o prazer e para ser feliz, é que é preciso a gente saber tudo, formar alma, na consciência; para penar, não se carece: bicho tem dor, e sofre sem saber mais por que. Digo ao senhor: tudo é pacto. Todo caminho da gente é resvaloso. Mas; também, cair não prejudica demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! Deus resvala? Mire e veja. Tenho medo? Não. Estou dando batalha. É preciso negar que o “Que-Diga” existe. Que é que diz o farfal das folhas? Estes gerais enormes, em ventos, danando em raios, e fúria, o armar do trovão, as feias onças. O sertão tem medo de tudo. Mas eu hoje em dia acho que Deus é alegria e coragem – que Ele é bondade adiante, quero dizer (p. 440).

“O que há é uma certa coisa – uma só, diversa para cada um – que Deus está esperando que esse faça”. Esta posição lembra os cátaros, que acreditavam na salvação pela ação pessoal. Cada indivíduo era responsável por sua própria salvação através de seus atos. Isso implicava a salvação irrestrita (todos teriam direito à salvação, tudo dependia de suas ações – aliás, todos, menos o Hermógenes), e na crença de que a relação Deus-homem não necessitava de intermediários.

Que o que gasta, vai gastando o diabo de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer. E a alegria de amor – compadre meu Quelemém, diz (p.9).

Riobaldo passa a rezar quando já está de range-rede. No tempo da jagunçagem, não existe referência a ritos (missa e as prescrições para certas datas, como a Quaresma, a Páscoa, o Natal). Não existe busca de pureza, a não ser quando ele fala do Aleixo. Depois de ocorridos os terríveis fatos, Riobaldo busca resgatar a todos: “Por que é que todos não se reúnem para sofrer e vencer juntos de uma vez? Eu queria formar uma cidade da religião. Lá, nos confins do Chapadão, nas pontas do Urucúia” (p. 436). E o tempo todo pinga a experiência como forma de conhecimento: “Porque aprender-a-viver é que é o viver mesmo. O sertão me produziu, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca” (p. 840).

Os cátaros tinham dois deuses: um era o Princípio, o Puro Espírito, a Energia livre das manchas da matéria. Era o Deus do Amor, considerado incompatível com o poder. Sendo a carne uma manifestação do poder, toda criação material, portanto seria obra do segundo deus, um deus usurpador, mau em seu interior, chamado pelos cátaros de Deus do Mundo. Ora, o difícil trecho do centro de *Grande Sertão: Veredas* reúne o amor e Deus: “Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. Deus é que me sabe.” (p. 439). Existe, aí, um aceno do Deus do Amor. Já o poder, é o que acena com rosinhas flores para todos: “Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar consertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo” (p. 16). A divisão entre amor e poder talvez explique às avessas o desejo de Riobaldo de que o Estado cuide do nível religioso:

Olhe: o que devia de haver, era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção – proclamar por uma vez, artes assembleias, que não tem diabo nenhum, não existe, não pode. Valor de lei! Só assim, davam tranqüilidade boa à gente. Por que o Governo não cuida?! Ah, eu sei que não é possível. Não me assente o senhor por beócio. Uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto de saber – e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons... De sorte que carece de se escolher: ou a gente se tece de viver no safado comum, ou cuida só de religião só (p. 14).

Quando Riobaldo, velho e barranqueiro, fala de religião, diz que todas o refrescam. Portanto, o estado de religião, de busca da ascese e de plenitude o leva a buscar todas as religiões. E neste afã, tem a necessidade de negar a existência do diabo, ao mesmo tempo em que o convoca; pretende fazer um pacto, nega o pacto e evita o demônio. Para Riobaldo, o corpo é bom e as relações sexuais também, mas quando o medo aperta, ele decide fazer um período de jejum de sexo. Teria isto relação longínqua com o que ensinavam os cátaros? Que o espírito foi criado por Deus e era bom, enquanto o corpo teria sido criado pelo Mal? Para os cristãos, havia valido esta postura até que se pensou na reprodução da espécie e o corpo passou a ter esta função precípua. Como se vê, mesmo aceitando esta função, o cristianismo balança entre a satanização do corpo e o seu resgate do Mal.

Dentre as repercussões de leituras e do pensamento difuso da crítica a doutrinas consideradas heréticas, que estimularam o ser humano pensante a refletir sobre o Bem e o Mal, sobre a ação humana e suas dimensões morais e éticas, a partir ou não de um pensamento religioso, existe o maniqueísmo. O que dele nos veio foi uma caricatura opositiva, que lembra: “Neste mundo tem maus e bons – todo grau de pessoa. Mas, então, todos são maus. Mas, mais então, todos não serão bons?” (p. 440).

Segundo Mani (Pérsia, século III), fundador do maniqueísmo, o mundo foi dividido entre duas metades. Um mundo seria o das trevas, governado por Satanás, o Príncipe das Trevas. O outro seria o mundo da luz, governado por Deus. Um conceito tão categórico se aplica ao mundo das ideias. Na lei maniqueísta, é verdade não há zona cinzenta: as coisas, as ações são radicalmente más ou boas. Especialmente interessante para quem estuda *Grande Sertão Veredas* é que Mani divide o mundo em três tempos, ligados ao precedente e caracterizados pela divisão absoluta e não misturada entre as trevas e a luz. As últimas pareceriam ignorar a sua existência mútua. Nem as trevas, nem a luz podem ser aniquiladas. Portanto, o estado anterior a sua criação é considerado um estado perfeito do mundo. O segundo tempo é o momento do meio, central, ou presente. Este começa com a criação da humanidade e se caracteriza pela mistura instável de trevas e luz. O terceiro tempo é o momento posterior. Ele é totalmente idêntico ao momento anterior. As almas humanas, que provêm da essência do homem primordial, repousam em um imenso carma luminoso que representa o homem primordial.

O maniqueu (que vê o mundo misturado) tenta constantemente atingir um ideal: o de restabelecer a divisão entre treva e luz, separando nitidamente o espírito do corpo. A ideia é expandir o espírito e reduzir o espaço ocupado na vida pelo corpo. Para chegar a isto, o

maniqueu deverá reduzir as manifestações materialistas e a sensualidade. Estas corresponderiam ao mundo demoníaco. O desgosto de Riobaldo com seô Habão (cf. Sperber 2000 e outros) reflete a crítica ao materialismo. E a sua vinculação com o diabo.

A mistura entre os dois reinos, de luz e de trevas, produziu uma espécie de fermento que mergulhou o reino das trevas em uma dança turbilhonante, em um redemoinho caótico através do qual surgiu a morte, elemento que deu ao homem uma espécie de transubstanciação. Tal fenômeno se dá tão bem e fortemente, que carrega em si o germe de seu aniquilamento – vale dizer, para o ser humano, uma transmutação em luz que passa pelo extraordinário fulgor da morte. Parece que é o que acontece com Diadorim. “Diadorim vivia só um sentimento de cada vez.” E quando morre, revela sua natureza, seu gênero, seu espírito:

O diabo na rua, no meio do redemunho... Assim, ah – mirei e vi – **o claro claramente**: ai Diadorim cravar e sangrar o Hermógenes... Ah, cravou – no vão – e ressurtiu o alto esguicho de sangue: porfiou para bem matar! Solução que não pude, mas que eu queria um socorro de rezar uma palavra que fosse, bradada ou em muda; e secou: e só orvalhou em mim, por prestígios do **arreatado no momento**, foi poder **imaginar a minha Nossa Senhora assentada no meio da igreja** [...] Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. [...] Eu despertei de todo – como no instante em que o trovão não acabou de rolar até o fundo, e **se sabe que caiu o raio**... Diadorim tinha morrido – mil-vezes-mente – para sempre de mim” (p. 855/6, negritos da autora).

Existe um pensamento profundo neste relato. O reino das trevas deve ser ultrapassado pelo reino da luz; não pelo castigo, mas pela doçura; não se opondo ao Mal, mas misturando-se a ele, a fim de redimir o Mal enquanto tal. A morte acontece em dose dupla: a de Hermógenes – o pactário e, por extensão, o demônio – e Diadorim – que sente um só sentimento por vez, é capaz de ódio, mas também de extrema doçura, e tem marcas duplas, ao mesmo tempo de deus (di) e do diabo (dia) (SPERBER, 1976 e 1982). Hermógenes – nome composto de Hermes e genes (poderia ser a unidade da mensagem, ou a mensagem unitária) – acaba-se em sangue e pó, num homem sem cara, portanto o diabo:

Pelejei para recordar as feições dele, e o que figurei como visão foi a de um homem sem cara. Preto, possuindo a cara nenhuma, feito se eu mesmo antes tivesse esbagaçado aquele oco, a poder de balas... E tudo me deu um enjô. (p. 692)

O Hermógenes e a luta contra ele sempre é anunciada pelo diabo e pelo redemoinho: “O diabo na rua, no meio do redemunho... Sangue. Cortavam toucinho debaixo de couro humano, esfaqueavam carnes.” A luta foi do uno – mas não todo - contra o duplo, dos opostos que se entrelaçam (di e diá). A morte de Diadorim redime os jagunços e acaba com a

jagunçagem, pelo menos do jagunço Riobaldo. Di-diá: Diadorim tem este nome para Riobaldo. Para os jagunços ele é o Reinaldo. Decompondo o nome, sabemos o que é rei, palavra que vem da realeza, mas que pode vir de coisa, res, sendo rei um genitivo ou dativo: da coisa ou para a coisa. Naldo é palavra teutônica que significa “o admirável, o corajoso”. Corajoso e admirável: cabe em Diadorim. E só esta força e integridade - em certa medida pureza feita de virgindade - é capaz de vencer o diabo na forma de Hermógenes.

A figura do diabo ocupa Riobaldo por culpa e medo de ser responsabilizado – por si mesmo – pela morte de Diadorim. Reflete, como propus no começo deste texto, a crítica da Igreja às heresias. Mas as heresias se ocuparam de pensar o Bem, o Mal, o mundo, Deus. E Guimarães Rosa estudou obras e refletiu sobre problemas que têm um viés e ecoam aspectos de diversas heresias. Estes se encontram difusos no imaginário popular rural. De qualquer maneira, Riobaldo está atento ao pecado, às forças do diabo e afirma com segurança que não se uniu a ele, porque não foi soberbo. Portanto, mesmo recorrendo a aspectos de heresias, não quer ser um herege.

O estigma da heresia foi e é sempre o orgulho. A humildade sempre foi e é o baluarte, a defesa mais segura da fé. Disse Santo Agostinho: "Há diversos caminhos que conduzem ao conhecimento da verdade, o primeiro é o da humildade; humildade é o segundo e o terceiro é ainda a humildade. Eu fiquei crente, porque me pus a crer o que não compreendia". Riobaldo segue caminho paralelo. Mesmo perseguido pela ameaça do diabo, pelo medo de ter feito o pacto, mesmo pecador, Riobaldo repete que

Sei o grande sertão? Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gaiivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas... Nessas e noutras muito extremadas coisas eu tornava a pensar, o espírito em meia-mão, por diante permeio os outros meus entretenimentos de verdade (p. 825).

E repete que não existe aquele que ocupa a sua mente, que o diabo não há.

Voltando ao diabo sob a pele do Mefistófeles goetheano, este diz que Fausto pare. O diabo exige a parada do movimento que seria a morte. Já Riobaldo entende as coisas de outro modo:

Deus está em tudo – conforme a crença? Mas tudo vai vivendo demais, se remexendo. Deus estava mesmo vislumbrante era se tudo esbarrasse, por uma vez. Como é que se pode pensar toda hora nos novíssimos, a gente estando ocupado com estes negócios gerais? Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo. Eu penso é assim, na paridade. O demônio na rua... Viver é muito perigoso; e não é não (439).

É que o diabo roseano é o do redemoinho, aquele de Maniqueu, ou Mani, redemoinho caótico gerador da morte, enquanto que o deus roseano pede a parada que transubstancia. Pois é: caos e cosmos no *Grande Sertão*.

NOTAS DE FIM

- ¹ Esse Aleixo era homem afamado, tinha filhos pequenos; aqueles eram o amor dele, todo, despropósito. Dê bem, que não nem um ano estava passado, de se matar o velhinho pobre, e os meninos do Aleixo aí adoeceram. Andaço de sarampão, se disse, mas complicado; eles nunca saravam. Quando, então, sararam. Mas os olhos deles vermelhavam altos, numa inflama de Sapiranga à rebelde; e susseguite – o que não sei é se foram todos duma vez, ou um logo e logo outro e outro – eles restaram cegos. Cegos, sem remissão dum favinho de luz dessa nossa! O senhor imagine: uma escadinha – três meninos e uma menina – todos cegados. Sem remediável. O Aleixo não perdeu o juízo; mas mudou: ah, demudou completo – agora vive da banda de Deus, suando para ser bom e caridoso em todas suas horas da noite e do dia. Parece até que ficou o feliz, que antes não era. Ele mesmo diz que foi um homem de sorte, porque Deus quis ter pena dele, transformar para lá o rumo de sua alma. Isso eu ouvi, e me deu raiva. Razão das crianças. Se sendo castigo, que culpa das hajas do Aleixo aqueles meninozinhos tinham?! Compadre meu Quelemém reprovou minhas incertezas. Que, por certo, noutra vida revirada, os meninos também tinham sido os mais malvados, da massa e peça do pai, demônios do mesmo caldeirão de lugar. Senhor o que acha? E o velhinho assassinado? – eu sei que o senhor vai discutir. Pois, também. Em ordem que ele tinha um pecado de crime, no corpo, por pagar. Se a gente – conforme compadre meu Quelemém é quem diz – se a gente torna a encarnar renovado, eu cismo até que inimigo de morte pode vir como filho do inimigo. (p. 9, 10)
- ² Moço!: Deus é paciência. O contrário é o diabo. Se gasteja. O senhor rela faca em faca – e afia – que se raspam. Até as pedras do fundo, uma dá na outra, vão-se arredondinando lisas, que o riachinho rola. (p.17).

REFERÊNCIAS

FURTADO DE MENDONÇA, Heitor. Primeira Visitação do Sancto Officio às partes do Brasil. In: *Confissões de Bahia - 1591-92*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1935, p. 34.

GUIMARÃES ROSA. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: http://www.scribd.com/doc/2208932/Rosa-J-G-Grande-Sertao-Veredas?ga_related_doc=1. Acesso em janeiro de 2010.

PARÓQUIA DE SÃO LEOPOLDO. Disponível em: http://www.psleo.com.br/he04_origenes.htm. Acesso em junho de 2008.

SPERBER, Suzi Frankl. *O tema do pacto no Fausto e em Grande Sertão: Veredas*. CONGRESO LATINOAMERICANO DE GERMANÍSTICA, 9, Concepción, Chile, enero 1998. *Anais* Universidad de Concepción, Chile, agosto de 2000. p. 441-448.

SPERBER, Suzi Frankl. A busca da liberdade e as regras de direito em Grande Sertão: Veredas. SEMINÁRIO INTERNACIONAL GUIMARÃES ROSA ROTAS E ROTEIROS,

II, Minas, 2002. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras* e do CESPUC, v. 5, nº 10, Belo Horizonte, 2002, p. 334-342.

SPERBER, Suzi Frankl. Mandala, mandorla: figuração da positividade e esperança. *Estudos avançados*, vol. 20, nº 58, São Paulo, 2006.

CURRICULO RESUMIDO DA AUTORA

Suzi Frankl Sperber: possui graduação (1965), mestrado (1967) e doutorado (1972) em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). É membro do conselho editorial da Revista Lume, da Revista Letras & Letras, da Revista Mafuá e da Revista *Afrika Asien Brasilien*. É Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; Livre-docente e professora titular da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, especificamente: literatura brasileira, literatura comparada, hermenêutica, Guimarães Rosa, teatro - pesquisa e ação dramática & quot. Coordena o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais (LUME) e possui Bolsa de produtividade do CNPq, com duas linhas de pesquisa fundamentais: oralidade e a função de dramaturgista.